

O PHAROL

ORGAN LITTERARIO E SCIENTIFICO

Redactores: Didio Costa e Alfredo Raposo.



Anno I.
PARANÁ

PUBLICAÇÃO SEMANAL
Coritiba, 30 de Maio de 1898

Num. 6
BRAZIL



Homenagem á Memoria do Poeta

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR

LUIZ GUIMARÃES

Mais um sonhador que parte para o Alem!

Luiz Guimarães, um dos mais finos e requintados poetas brasileiros, o sonetista exquisito dos "Sonetos e Rimas", falleceu, ha dias, em Portugal.

E' profundo o golpe!

Cruz e Souza, o artista que sonhava com antigos mantos de purpura, mulheres de formas impecaveis, pedrarias raras, crepusculos de ouro e de esmeralda, morre, e logo após Luiz Guimarães, o artista meigo.

São ternos os seus versos; são auroras illuminando aldeias; são sorrisos de estrellas desmaiadas.

Sua obra é toda passional. São episodios de amor, ao luar; solfejos de virgens enamoradas. O sonho desse poeta amoroso, é cheio de luz; são painéis campestres, dourados por sol fulgente, onde virgens languorosas tangerem guitarrilhas chorosas, e cantam menias nostalgicas.

Sua obra é, na mór parte, risonha, cheia de uma alegria de noivas romanticas. Ha, tambem, n'elles, merencoria cantilena de clastro: virgens apaixonadas deambulam, rezando rituaes paudosos, nos olhos recordação profunda, reflectindo.

O' que dulçurosa foi a lyra desse poeta magico!

Na branca atmosphera do Sonho que o circueira, Luiz Guimarães ouvia dialogos amorosos, ouvia surdinas dolentes.

Elle viveo sempre illuminado por luar branco.

Tão meiga! [tão dulçurosa foi a sua lyra!

Os seus versos, para o sempre, hão de resôar aos nossos ouvidos, sonoramente, como rythmos de cascatas, que se despenham, brancas e espumejantes.

E a sua alma, n'uma ascensão de immacula, se foi para o Mundo Astral, sonhar entre estrellas enamoradas.

CYPRESTE

A' memoria do fidalgo sonhador Luiz Guimarães.

O' Mort! emelle Mort!
que ne lui lassas-tu plus
longtemps le plaisir de
de fruit ses travaux.

(Fléché)

A morte, esse monstro feral, o trêdo Batalhador do Desconhecido, espalmou suas azas negras por sobre o Artista.

N'um piedoso prantear, ante o eburneo santuario da Arte, eram amplexados os seus sectarios; ascendera o espirito immortel d'aquelle que olvidando as miserias humanas, traçava paginas cheias de uma

harmonia que 'nos faz rubir, subir até lá, onde a alma do Artista, encariada por um borboletar de anjos, sonha... onde tudo é bello, onde vamos buscar o balsamo, o olivio para nossa megoa — ao Mystere!

E' triste, immensamente triste, revolver torbando em o tumbão, o desolado eremiterio da alma que em os momentos mais doloridos da existencia se transportava ao Igneo e piedosamente humilde, fitava aquelle destilar de virgens pallidas durilando phrazes tão meigas, tão sonoras!...

Ah! a realidade, a triste realidade é o crepusculo dos sonhos; — os sonhos não são eternos!...

Aspirava um mundo feito de Arte, feito de harmonias, onde sentisse plangente descantar de psalms esotericos, onde virgens mortas gargalhas em anathematizando estrellas. Ah! realidade, triste realidade!...

Pelo Azul faixa rubra se estendia.

— Harmonia balsamisadora!

— Antithese horrída!...

O sol suspenso, lucilava n'uma caricia materna evolvendo as pardas cortinas — manto do Universo — e a Morte, a Morte, tredea e feral, cercava aquelles olhos onde bailava um mundo de Arte, um mundo de harmonias!...

Corit ba, 1898.

ALFREDO RAPOSO.

CARMEN

A Eterna. Sra D. Sylvia Machado.

Elle passe, tranquille, en un rêve divin...

LECONTE DE LISLE.

Louca e bella. Nos olhos dulcerosos,
Um poema do praezo reflectindo,
Bellos e fulvos e mysteriosos,
Sobre os doas seos tumidos cahindo.

E Carmen passa extranhamente bella,
Rutilo o olhar, castissimo, de estrella!

Do corpo de esmeralda, deslumbriante,
Rorãr vagos essencia vaporosa,
Feitas do aroma de um luar distante,
Como o aroma purissimo das rosas.

E tem nos olhos tanta magia! tanta!
Parece o olhar tristonho de uma santia!

Vae-se, no azul das illusões queitadas,
Rogando estrellas rutilas de amores!...
Doce visão das affeições perdidas,
Musa das grandes e pungentes dores!

E Carmen passa extranhamente bella,
Rutilo o olhar, castissimo de estrella!

Segas, visão da minha crença amada,
Passa, esperança de um sonhar benedicta,
E abre nas tumbas da illusão fanata
O psallito de prantos de um mal dicto!

Porque nos olhos tanta magia! tanta?
Segas, formosa e merencorea santia!

Novembro — 1897.

CARLOS RAPOSO.

Minha Saudade

A memoria de Ida.

Quando essa loira imitação de Mlle
Euvargoulada e rutila de pejo
Sugrou-me a hostia do primeiro beijo
Tão subtilmente que nem pude ouvi-lo:

E — amo-te — fallou-me levemente
N'aquelle idyllo tanguido de pomba,
Que a cabecinha carinhosamente
Sobre o regaço do esposo tomba...

Minh'alma, n'uma crença de beata,
Que se curva pedosa nos pés de Deos
— Olhos cravados na amplidão dos Ceos —
Apelton-se aos seos pés contricia e grata.

E nos amámos muito. Nossa vida,
Era como que um riso de alegria.
Talvez um trecho óuicido de Aida
Não tivesse de amor tanta harmonia...

Ah! Nos amámos muito. No seo rosto
Sempre feliz, sempre contente e santo
Nunca deixou a esponja de meu pranto
Uma sombra subtil de algum desgosto.

Mas... uma noite triste, embranquecida,
Ida morreo... então, na anciedade,
Pedia-me: Não l'esqueças d'esta vida...

E é por isso que eu vivo da Saudade.

Coritiba, 1898.

PEREIRA DA SILVA.

PALLIDA LUNA

Jadis le blond Phœbus aimait l'hébété la blonde;
Et dans les primes jours de leurs nuptique hymen,
Ensemble ont les voyait tourner autour du monde
Et suivre, au ciel, un même et radieux chemin.

E puis-le blond Phœbus quitta l'hébété la blonde
Las de marcher près d'elle et la main dans la main
Il voulut être seul et jeter à la route
Les flammes qui couraient en son cœur infernal.

Et c'est pourquoi Phœbus, dès que le soir décline,
Le lève lentement derrière la colline,
Pâle de la pâleur des mortes et de lys...

Et distillant ses pleurs dans l'herbe, perde a
perte,
Regarde, sous le flot empourpré que deterie,
L'indolente tomber dans les bras de Thétis!

Paris.

Vicomte Borelli.

A Bandeira

PREAMBULO

Um domingo, no Rio de Janeiro,
acordei tarde, fóra de costume. O
sol já alto entrava pela janella do
meo quarto, enchendo-o de alegria,
pondo grandes nesgas de luz sobre
o papel florido d'ouro, que vestia as
paredes. A casa estava silenciosa,
como deserta, ouvindo-se apenas em
baixo, na rua, o vozear alegre de
alguns grupos de caixeiros, que es-
tacionavam pelas portas, combinando
o passeio do dia, e ao longe o rodar
pezado dos bondes, que desciam pela
rua da Alfandega.

Alguna cousa de estranho, de anor-
mal se passava no meu ser, acabru-
nando-me, collocando-me n'uma
modorra, n'uma inconsciencia dol-
gorosa de espirito. Eu procurava des-
cerrar as palpebras, encorporar-me na
cama, erguer-me, ir gozar esse bello
domingo cheio de luz, de sol, de azul
mas uma força estranha, violenta,
desconhecida, prendia-me ao leito,
As idéas accumulavam-se-me no ce-
rebro, confusas, amalgamando-se,
torcendo-se, voltando como n'uma

dança macabra em magica de appa-
to. Queria pensar, disciplinar as idéas
ter força sobre mim, encarar a luz,
o sol, tudo quanto me cercava, mas
o pensamento vago como que se
delia n'um delirio, n'uma inconsci-
encia, que me collava ao leito.

Palmeiras verdes, recortadas n'um
céo azul, urubùs pastando por entre
feiteiras em flôr, montes de cadave-
res descarnados, multidões raivosas
e movimentadas, creanças risonhas
e amaveis, tudo passava pelo meo
espirito como que illuminado por
um cosmorama fatidico, que me
affligia e suffocava. A momentos eu
sentia com que umas mãos ferreas
apertarem-me a garganta, produzindo-
me sensação dolorosa.

Passou-se tempo, muito tempo. O
sol ia alto, a casa continuava silen-
ciosa. Era dia de sueto, tudo tinha
partido na alegre convivencia do
bond para longe dessa atmosphera
pestilencial do Rio de Janeiro; todos
andavam la longe, entre os verdes
palmares dos suburbios, a frescura
dos morros ou a alegria dos jardins
publicos, tomando um pouco de bom
ar.

Porque estava eu ali só, manietado,
soluçante, afflicto?

Que força superior me prendia,
me impedia de reunir idéas, de for-
mar pensamentos completos?

O delirio permitia que eu me in-
terrogasse vaga-gente, mas não con-
sentia a complexidade do pensamen-
to, a consciencia nitida do eu hu-
mano.

Repentinamente, uma idéa violenta
e rapida como um raio atravessou-
me o espirito, despertando-me da
modorra.

A febre! Era a febre que me de-
vorava, que me carbonizava as en-
tranhas, que me collava ao leito.

Fiz um esforço sobre mim mesmo
para gritar, para pedir socorro, mas
a casa estava deserta; tudo tinha
partido a retemperar as forças no
bello ar dos campos, na frescura dos
morros.

Já dentro, perto da cozinha silen-
ciosa, um sabiã cantava, esvoaçando
a espaços na gaiola e o relógio da
sala de jantar seguia imperturbavel
no seo palpitir metaliq.

Então, vendo-me só, sem forças
para me erguer, com os labios escal-
dando, os braços como que manietados
e um dor horrivel em todo o
cerebro principiava a esclarecer-me o